

SOBRE A GÊNESE DA ESTÉTICA PEIRCEANA: ESTUDOS SOBRE O IDEALISMO OBJETIVO EM UMA RELAÇÃO ENTRE SCHELLING E PEIRCE

ON THE GENESIS OF PEIRCIAN AESTHETICS: STUDIES UPON THE OBJECTIVE IDEALISM WITHIN A RELATION BETWEEN SCHELLING UND PEIRCE

Tiago da Costa e Silva¹

lesingedeplanete@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Centro Universitário Senac São Paulo – Campus Santo Amaro

Resumo: O presente artigo é um palimpsesto de uma idéia maior que compõe uma obra sobre estética advinda das pesquisas sobre um tipo de sistema filosófico que tem como característica principal o predicado de estar em consonância com uma forma de idealismo, assim como o de ter, também, a predicação de realista, ou de lógica objetiva. Assim são os sistemas de Charles Sanders Peirce e Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling. Ambos, embora em épocas e com preocupações distintas, acabaram legando sistemas nos quais é possível encontrar um tipo distinto de investigação científica sobre a arte. A estética, que houvera tomado forma como disciplina filosófica com Alexander Gottlieb Baumgarten, passa agora a ter um estatuto de ciência dentro de um sistema de conhecimento científico naturalmente derivado da contemplação da natureza, contemplação essa de origem eidética. O tema é rico em detalhes e, em muitos aspectos, dialogam com vertentes do idealismo-objetivo moderno, contemporâneo e também com matrizes platônicas e correntes neoplatônicas, a exemplo de Plotino e Proclo, e fazem parte ainda de um percurso que, ainda que tenhamos agora a idéia, para uma futura pesquisa nesse campo, com tal meta, telos, de modo bem delimitado - que é o de se estudar a consonância entre esses sistemas e o que dessa semelhança decorre - demorará ainda um bom tempo para que seja levada a bom termo. No entanto, o presente trabalho, que se situa no campo da estética de matriz idealista-objetiva, tem por objetivos principais: a) inquirir a natureza da contemplação e a natureza da origem do idealismo-objetivo que se anuncia numa experiência de contemplação genuína, ou, nas respectivas linguagens de Schelling e Peirce, em uma experiência de perder-se no infinito que está figurado no finito, ou de uma experiência de primeiridade; b) inquirir sobre o nascimento e crescimento natural a partir da fenomenologia e do conhecimento das relações implícitas nas categorias e nas ciências normativas – nomenclatura que Peirce dá às ciências teóricas dos ideais; c) inquirir sobre a noção de continuidade que perfaz todas as concepções envolvidas nos processos de conhecimento e descoberta, assim também como de criação. A noção mesma de continuidade deverá aparecer de modo natural, como fio condutor – ou princípio condutor –, de modo que uma tal assunção pode trazer luz ao proposto estudo da estética.

Palavras-chave: Estética. Continuidade. Idealismo-Objetivo. Ciências Normativas. Filosofia da Arte. Admirável. Cosmologia.

Abstract: *The present paper is a palimpsest of a larger idea, which integrates an investigation of aesthetics built upon philosophical systems that simultaneously have as characteristics the main predicate of idealism, as well as the predicate of realism – or one very notion of objective logic. Such are the systems of Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling and Charles Sanders Peirce. Although in different times and with distinct concerns, both authors have left a type of philosophical system in which it becomes possible to find a distinguishing type of scientific investigation upon art. Aesthetics –*

¹ O presente pesquisador coordenou em 2006 e 2007 as reuniões do Grupo de Pesquisa de Pragmatismo e Estética vinculado ao Centro de Estudos do Pragmatismo do Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da PUC/SP. É também membro do Centro de Estudos do Pragmatismo e doutorando em Filosofia pela PUC/SP. O presente artigo é fruto, em grande parte, das pesquisas que decorreram dos encontros durante esse período.

which Alexander Gottlieb Baumgarten erected as a philosophical discipline – is now considered a science within a system of knowledge naturally derived from the contemplation of nature. This form of contemplation reveals some interesting aspects of the eidetic nature of the cosmos. This theme is rich in details and sources, as well as in the possibilities of dialogues between scientists and philosophers of many schools of thoughts. Notwithstanding, the telos of this major investigation appears quite clear in the present argumentation; the particular and major research – connecting different epochs and paradigms both in art and science – will be performed in the future. The present paper – which is in the field of aesthetics of objective idealism matrix – has as objectives: a) to enquire upon the nature of the contemplation and the nature of the origin of the objective-idealism which is announced in a contemplative experience or, as Schelling and Peirce would respectively say, in an experience of losing the Self in the infinite which is its figuration in the finite, or a type of experience of firstness; b) to enquire upon the birth and natural growth of the knowledge of implicit relations in the categories and in the normative sciences – the name which Peirce gives to the sciences of ideals; c) to enquire upon the very notion of continuity which performs all conception involved in the processes of knowledge and discovery, as well as creation. The very notion of continuity shall naturally appear as a leading thread – or leading principle – of those systems in such way that light can be shed to the proposed study of aesthetics.

Keywords: Aesthetics. Continuity. Objective-Idealism. Normative Sciences. Philosophy of Art. Admirable.

Introdução

Um grande número de textos sobre essa disciplina filosófica já foi elaborado desde o século XVIII, desde o momento em que *Aesthetica*² foi fundada como a ciência do belo, por Alexander Gottlieb Baumgarten³; e apesar do sentido moderno do termo ter sido convencionado nessa época – como uma reflexão filosófica sobre a arte –, passados pouco mais de dois séculos, tal termo foi colocado por alguns pensadores como um “insucesso brilhante cheio de resultados”⁴. Percorrer os meandros de tal paradoxo não é a tarefa que será divisada aqui, muito embora certos aspetos de tais conseqüências desse desgaste prematuro devam ser abordados como modo de justificar – e até reforçar – os conceitos que se intenta desenvolver com o presente artigo, ao menos, como indícios na história que nos ajudam a compreender os processos evolutivos das concepções estéticas – a exemplo das vanguardas modernistas, da ruptura com moderno em função do pós-moderno – e assim por diante.

Talvez a obra que consegue demonstrar melhor tal tensão histórica e filosófica é o livro *Estéticas do século XX*, de Mário Perniola⁵. Aqui, o autor intenta abordar ao máximo as mais diversas discussões sobre estética, situando-as em eixos epistemológicos diversos, tais como vida, forma, conhecimento, ação, sentir, e ainda alicerçando-as em bases de extração kantiana e hegeliana. No entanto, a validade dessa concepção é um tanto quanto cerceadora. Cerceadora de possibilidades de novas articulações e considerações possíveis que uma investigação no campo da estética é capaz de propor, pois fica destinada a caber em

² Para tanto, consultar textos que fazem menção ao desenvolvimento dessa disciplina filosófica no percurso do tempo. Citamos, como exemplo, a publicação de Marc JIMENEZ. *O que é Estética?* São Leopoldo – Rio Grande do Sul, Editora da Unisinos, 1999, 413p. Ver também: Lucia SANTAELLA. *Estética de Platão a Peirce*. São Paulo, Experimento, 1994, 220p.

³ Alexander Gottlieb BAUMGARTEN. *Estética: A Lógica da Arte e do Poema*. Tradução: Miriam Sutter Medeiros. Petrópolis-RJ, Vozes, 1993, 191p.

⁴ Marc JIMENEZ. *O que é Estética?* São Leopoldo – Rio Grande do Sul, Editora da Unisinos, 1999, p. 9.

⁵ Mário PERNIOLA. *Estética do século XX*. Tradução de Teresa Antunes Cardoso. Lisboa, Editorial Estampa, 1998, 202p.

determinados pressupostos de uma filosofia que considera que o sujeito é o grande ordenador do mundo – em sua mais forte acepção – cabendo a ele a determinação e a utilização das formas lógicas, o jogo, a consideração do belo, a geração ou não de um determinado conhecimento advindo da experiência estética – ainda que originalmente Kant não tivesse permitido tal solução –, admitindo-se apenas que o conhecimento sobre um qualquer objeto da arte não seria possível; ou ainda, caber numa visão de mundo, cuja construção arquitetônica poderia originar uma tal construção estética contemporânea bastante avançada, mas que restringe a experiência estética ao âmbito das produções humanas – como é o caso de Hegel. Ora, propor uma organização estética nesses termos parece-nos excluir determinados tratamentos originais e bastante válidos, também, e que são advindos de um tipo de filosofia que não opera nem de um lado, com o sujeito ordenador de mundo, nem, por outro, com a condição de obra de arte como sendo uma mera produção humana, porque é dotada de espírito – mediado e editado por um viés subjetivo e lógico-dedutivo.

Para Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling⁶, assim como para Charles Sanders Peirce, ainda que este último não tenha uma teoria estética totalmente por ele desenvolvida – mas perfeitamente possível de ser construída a partir de seu legado filosófico –, a consideração sobre a filosofia realista da natureza e a sua competência estética, assim como seus direitos lógicos que permitem uma comunicação e interação sujeito-objeto sem incongruências lógicas, permite uma visão de mundo muito mais consciente e consolida, assim, uma teoria estética que vai muito além da consideração de produção humana presa à cultura e ao “fazer história” do sujeito histórico de Hegel, assim como de um sujeito fruidor-ordenador de Kant. Real, nesse caso, em sua acepção forte, é uma palavra inventada no século XIII para designar aquilo o que é independentemente do que possamos representar dele, ou, aquele que continua do modo que é sem que nossa representação possa alterá-lo de algum modo⁷.

Schelling e Peirce, ao permitirem que a natureza, o objeto, a experiência estética, enfim, todos aqueles elementos da mais sutil oriência, pudessem expressar-se do seu próprio modo – calando a razão e tornando mais atenta a percepção em função das qualidades presentes em tal percepto –, permitiram que uma concepção estética brotasse de sua própria provocação a partir dela mesma, ou seja, permitiram que o objeto estético fosse o deflagrador de tal processo; e então, torna-se perfeitamente factível que a teoria estética a partir do idealismo-objetivo – tão logo sujeito e objeto, fundidos numa contemplação estética num primeiro momento, houvessem se separado, onde, aí sim, a capacidade mediadora do sujeito pergunta, após a experiência de fusão, à natureza como você é, e como se comporta? – brote da própria experiência a sua análise da experiência estética, tendo como ponto de partida, seu próprio objeto.

O presente trabalho, que se situa no campo da Estética de matriz idealista-objetiva, tem por objetivos principais: a) inquirir a natureza da contemplação e a natureza da origem do idealismo-objetivo que se anuncia numa experiência de contemplação genuína, ou, nas respectivas linguagens de Schelling e Peirce, uma experiência de perder-se no infinito que está figurado no finito, ou de uma experiência de primeiridade; b) inquirir sobre o nascimento e crescimento natural a partir da fenomenologia e do conhecimento das relações implícitas nas

⁶ Friedrich Wilhelm Joseph von SCHELLING. *Filosofia da Arte*. Tradução: Márcio Suzuki. São Paulo, Editora Unesp, 417p.

⁷ Veja a obra intitulada *A Neglected Argument for the Reality of God* [Um argumento negligenciado para a realidade de Deus]. Tal trecho também deve ser encontrado em *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings*. 2 vols. (Vol. 1, Nathan Houser and Christian Kloesel, eds.; Vol. 2, edited by the Peirce Edition Project), Bloomington, Indiana University Press, 1992-1998. Doravante EP, seguido do número 1 ou 2 de acordo com o volume, e em seguida, página. No presente caso, EP2: 434. Destaque do pesquisador.

ciências normativas – nomenclatura que Peirce dá às ciências teóricas dos ideais; c) inquirir sobre a noção de continuidade que perfaz todas as concepções envolvidas nos processos de conhecimento e descoberta, assim também como de criação. A noção mesma de continuidade deverá aparecer de modo natural, como fio condutor desses sistemas, de modo que uma tal assunção pode trazer luz ao proposto estudo da estética.

1 – Idealismo-Objetivo e Contemplação: gênese

O argumento central desse trabalho está alicerçado na compreensão profunda do que deva ser idealismo-objetivo. Já de início, surgem dois problemas para nossa consideração. O primeiro é o de que não são raros os casos de autores no campo da filosofia que, devido à tradição filosófica, fixam-se nas formulações antagônicas entre idealismo e realismo, desconsiderando noções que possam relacionar de algum modo tais concepções. Ora, se é assim, então, devemos estudar esses termos para que possamos melhor compreendê-los. O segundo problema é o de se verificar qual é a relação desenhada pelo conceito que efetivamente coloca tais termos – idealismo e realismo – em diálogo.

Peirce mostra um caminho bastante interessante, em consonância com Schelling: tal caminho perfaz a investigação com a noção cosmológica de idealismo. O problema se desenha, então, quando nos deparamos com a velha noção dualista de mente e matéria, tão proeminente no cartesianismo, como duas formas radicalmente diferentes de substância, e que hoje, de acordo com Charles Peirce, encontra poucos defensores. Então, questionamos se a as leis físicas de um lado, e as leis psíquicas de outro devam ser consideradas:

- i. independentemente, numa doutrina que Peirce denomina monismo ou neutralismo;
- ii. tomadas como sendo as leis psíquicas derivadas das leis físicas – esta última primordial - o que constitui a doutrina do materialismo;
- iii. as leis físicas como derivadas e casos especiais das leis psíquicas – o que constitui o idealismo⁸.

O que vem a ser, então, o idealismo? Seria algo somente subjetivo e humano? Ou seria algo que não depende da ação da racionalidade humana para ser efetivo? A tal conjunto de hipóteses acima mencionadas, se selecionamos a concepção de que a materialidade é derivada – um caso especial – de alguma forma de idealidade, então devemos considerar o argumento abaixo como possível hipótese de gênese dessa concepção.

Se buscarmos uma hipótese que seja capaz de nos explicar a origem do universo, por exemplo, a partir do conhecimento dos elementos cósmicos existentes hoje, deveremos sobrepujar, em algum ponto, a mera explicação materialista. Pois, ou consideramos o caso como um problema como um mero jogo de forças “materiais” – cuja origem seria apenas uma tal singularidade material – digamos um tipo de *big bang* – do qual é derivado seguindo-se, de certa forma, uma cadeia causal – sejam por acidentes, sejam por causalidades – parariamos necessariamente no advento dessa primeira “materialidade” que aparece unicamente como reveladora de indícios físicos de sua própria expansão a partir de um certo ponto inicial. Mas tal “origem” não explica *ipso facto* a origem do universo, senão parte de um tal processo e ainda de forma somente mecânica – o que não nos parece ser o caso.

⁸ Consultar a obra *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Volumes 1-6, Charles Hartshorne and Paul Weiss, eds., Cambridge MA., 1931-1935; Vols. 7-8, Arthur W. Burks ed., Cambridge, MA, 1958, Harvard University Press. (1931-1958); Available on CD ROM, John Deely, ed., Charlottesville, 1994. Doravante CP, acompanhado do volume da obra e do parágrafo e da data do escrito. No presente caso, CP 6.24, 1891.

No entanto, se considerarmos o problema como algo relativo a alguma forma de idealismo como matriz, teremos uma hipótese – ainda que vaga e geral – formulada a partir de um modelo teórico cujo princípio condutor sempre tende a sair de um estado de coisas vagas, indo em direção a um estado de coisas mais definidas. A hipótese de Peirce se desenha como se segue: situamo-nos em um determinado cosmo, num espaço-tempo com uma certa história, com uma certa conduta, certos hábitos já bem estabelecidos, e com um certo grau de desenvolvimento complexo – denotando, como um indício, a tendência para a complexificação. Ora, bem sabemos que as galáxias estão se afastando umas das outras em sua maior parte⁹, o que denota que, num momento anterior, a distância entre as galáxias – num momento onde o espaço estava menos expandido¹⁰ – era menor. Se analisarmos, então, tais movimentos de expansão, veremos que daí decorre algo que foi um hábito formado em instantes anteriores. Do que decorreu esse hábito? Veremos, pois, que a decorrência disso é muito mais do que um simples jogo de forças mecânicas.

O que aconteceria, então, se continuássemos a regredir nossa consideração até o ponto em que tais elementos – que hoje são as galáxias e tudo o que há nelas – estivessem muito próximos, de tal modo que estivessem quase no mesmo ponto do espaço-tempo? E se disso levantássemos a hipótese de retroduzir mais ainda? Pararíamos na parte material do enigma? E se perguntássemos o que há antes da “materialidade” – termo aqui tomado em sentido muito leigo?

Havíamos observado que há uma tendência clara de complexificação no universo, pois o estudamos na sua franca evolução – da qual a sua expansão faz parte. Portanto, vemos que de instantes anteriores menos definidos, decorrem momentos posteriores mais definidos e mais complexos. Mas suas possibilidades de complexificação nunca se esgotam, o que nos levaria à hipótese de que há algo que sempre mantém sua expansão com uma característica de originalidade. Se há a ocorrência da tendência do universo em direção a uma complexificação – inicialmente com o aparecimento de partículas simples, depois com amálgamas mais complexos – e tais elementos primordiais tendem a se expandir e a se complexificar – não de modo caótico, mas sim criando hábitos efetivados na relação destes em tal teatro de relações –, surge, então, a hipótese de que há algo antes do aparecimento dos elementos materiais. Estamos agora no momento do universo em que ele ainda não era existente. Mas sim, nesse caso, possível. E então, deparamo-nos com a hipótese das gradações de possibilidades em função de, num dado momento infinitesimal, alguma coisa existir. Digamos que uma “partícula” tornou-se existente. Anterior a tal noção, havia a possibilidade de que alguma partícula pudesse ser existente. Anterior a esta noção, havia a possibilidade de uma certa qualidade ser possível – apenas uma qualidade como uma consciência contínua e vaga, sem definição alguma de alguma forma de materialidade. E assim, retroduzindo sucessivamente até o momento mesmo de um continuum geral e vago – onde possibilidades melhor delimitadas ainda não são definidas. Tal *continuum* seria a forma mais geral possível, de tal modo que correria o risco de não se definir e anular-se a si mesmo.

Vejamos tal noção, entretanto, sobre outra perspectiva: há um *continuum* de possibilidade, geral e vago. Nada se define ali, apenas a mais contínua quale-consciência de possibilidade de qualquer outro continuum geral de qualidades serem possíveis. Tal qual, de certa forma o Absoluto de Schelling e o Uno Platônico. Devemos lembrar que nada ali ainda

⁹ Talvez a exceção mais conhecida de tal caso seja o das galáxias de Andrômeda e da Via Láctea. Ambas estão em rota de aproximação, e num instante futuro, como teorizam os astrofísicos, as duas galáxias colidirão. Modelos teóricos de computador sugerem que do choque, uma tal galáxia ainda maior pode ser formada.

¹⁰ Para maiores informações sobre o espaço-tempo do ponto de vista da física, consultar a obra de Albert EINSTEIN. *A Teoria da Relatividade Especial e Geral*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro, Contraponto, 1999, 132p.

existe. Tal categoria, a da existência, ainda não apareceu. Na realidade, forma-se aqui, nesse momento cosmológico, a categoria da primeiridade [*firstness*], de acordo com o nome desse estado de coisas que Peirce atribui.

E então, um certo *continuum* de possibilidade passa a se definir um pouco mais, tornando possível que certa qualidade seja possível de modo mais definido do que outras possibilidades. E assim sucessivamente definindo-se, de um inicial continuum de possibilidade mais primordial, continua de possibilidades distintas e mais definidas vão aparecendo. Aparece então, a possibilidade de que alguma qualidade seja possível – digamos, uma certa vermelhidade. Mais uma vez, mesmo no campo das possibilidades, vê-se a gradação desse estado de coisas possíveis, de um inicial estado de coisas homogêneas e indiferenciadas, para um estado de coisas mais complexo – em termos de possibilidades que se definem como estados de qualidades complexas possíveis – mas ainda no plano das possibilidades e como tais, contínuas. Então, tal gradação alcança, enfim, o ponto de definir algo como existente, pois que isso também é uma possibilidade. E como há essa tendência de definição, ocorre então essa tendência ao aparecimento de um estado de coisas definidas e discretas¹¹. E nesse ponto, ocorre a tal singularidade – não o tal *big bang*, mas uma forma de aparecimento existente. Essa é a formação da categoria da existência de Peirce, ou o que ele denominou se segundidade [*secondness*]. E é nesse momento, então, que temos o estado de coisas existentes. Digamos – partículas de qualquer natureza – que tendem – por ação desse vetor lógico de definição e complexificação – a criar coisas mais complexas, amálgamas materiais, com gradações maiores de complexidade, do que decorre a tendência de gerar hábitos entre os existentes inicialmente desconexos. Daí decorre o hábito das partículas formarem elementos mais complexos, maiores, adquirirem propriedades características, adquirirem o hábito da gravitação, expansão, qualidades de antimatéria, entre outras características habituais dos existentes de nosso universo, por exemplo. Essa tendência de gerar hábitos e leis é denominada de terceiridade [*thirdness*] por Peirce.

E então, a realidade formada passa a demonstrar também esse vetor de complexificação: ora, no início dessa argumentação, dissemos que o universo está em expansão. É só observarmos, agora, a hipótese lógica que traça o caminho do vago ao definido, numa ação clara de complexificação e evolução da Natureza. Tal ponto será retomado no momento em que tratarmos das idéias. Mas aqui já respondemos à questão sobre a origem do universo com uma concepção apoiada no idealismo-objetivo¹². Tal concepção desenvolvida nos evidencia – ainda que de uma forma bastante sucinta – a natureza do idealismo e já anuncia o predicado objetivo, tornando ainda bem mais evidente que a conciliação entre idealidade e realidade não se fará pela concepção desta como produto da subjetividade, mercê de uma interiorização cabal do mundo, mas, sim, pela extensionalidade daquela à relação sujeito-objeto, que se consuma numa idéia ontológica de natureza e identidade¹³.

Ora, se estamos lidando com o idealismo-objetivo como premissa básica de um sistema filosófico, devemos averiguar a hipótese que se sugere de modo proeminente em relação à natural concepção sobre o estudo dos ideais que se fazem fenômenos, trazendo consigo rastros de sua concepção original, sua arché. Por isso, uma investigação nas ciências

¹¹ Tal palavra *discreta* delimita a noção mesma de objeto singular, singularidade, uniuquidade, algo que quebra um continuum – em termos matemáticos.

¹² Para um estudo mais aprofundado, verificar capítulos V e VI do livro de Ivo Assad IBRI. *Kósmos Noetós: a Arquitetura Metafísica de Charles Peirce*. São Paulo, Perspectiva, 1992, 138p.

¹³ Veja a obra de Ivo Assad IBRI. *Kósmos Poiétikos: Criação e Descoberta na Filosofia de Charles S. Peirce*. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, Departamento de Filosofia. Orientador: Professor Doutor Franklin Leopoldo e Silva, São Paulo, 1994, p. 55.

normativas – que naturalmente apontam ao infinito – e por isso universais de acordo com Schelling – devem trazer marcas do que as origina enquanto ciência, demarcando as características específicas dos seus objetos de estudo. Dessa vez é Schelling quem nos mostra uma hipótese de idealidade sobre a matéria, argumentando em relação a organismos vivos, afastando o mecanicismo racionalista como explicação causal da vida – e sobre sua complexificação tendo como ponto de partida uma espécie de princípio¹⁴.

Desse modo, então, segundo Schelling, todas essas faculdades dos órgãos, meramente como tais, não são suficientes para explicar a vida. Pois poderíamos muito bem pensar uma conexão de fibras, nervos, etc., nos quais (como, por exemplo, nos nervos de um corpo orgânico destruído pela eletricidade, por um estímulo metálico, etc.), através de estímulos exteriores, fossem produzidos movimentos livres, em que, no entanto, pudéssemos atribuir vida a esse objeto composto. Todavia, talvez se responda que a concordância de todos esses movimentos produz a vida; simplesmente encontra-se aí um princípio mais elevado que já não podemos mais explicar a partir da própria matéria, um princípio que ordena e concentra todos os movimentos singulares e que então, somente, concebe e produz um todo a partir de uma multiplicidade de movimentos que concordam entre si e se produzem e reproduzem em ação recíproca. Portanto, deparamo-nos aqui, novamente, com aquela ligação absoluta entre natureza e liberdade num único e mesmo ser, a organização animada deve ser um produto da natureza; mas neste produto da natureza, deve dominar um espírito ordenador e centralizador. Nele, ambos os princípios não devem estar separados, mas sim intimamente unidos; na intuição não devem poder diferenciar-se, entre eles não deve haver um antes e um depois, mas sim uma absoluta simultaneidade e ação recíproca¹⁵.

2 – Universo da Arte e o Objeto Estético

Em termos de arte, inúmeras são as teorias que afirmam que a estrutura sintática de uma dada obra qualquer é polissêmica. E em muitos casos, essa explicação é dada como suficiente para estabelecer a característica principal de um qualquer efeito estético. Entretanto, essa consideração levanta um problema paradoxal. Digamos, pois, que uma dada obra de arte – qualquer ela que seja – é dita polissêmica. Naturalmente, perguntar-se-ia o motivo. É claro que o material mais imediatamente disponível dessa obra é a sua própria estrutura aparente, sua sintaxe perceptível. E então, a resposta – quase que sem a menor insegurança – seria algo como “aqui está a resposta: tal obra é considerada assim porque de sua observação surgem inúmeras condições mentais para que o fruidor seja capaz de interpretar múltiplos sentidos

¹⁴ Consultar a obra de Friedrich Wilhelm Joseph von SCHELLING. *Bruno oder über das göttliche und natürliche Princip der Dinge*. Hamburg, Felix Meiner Verlag, 2005.

¹⁵ Friedrich Wilhelm Joseph von SCHELLING. *Idéias para uma Filosofia da Natureza*. Tradução, Prefácio, notas e apêndice de Carlos Morujão. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, pp 101-102.

Allein alle diese Fähigkeiten der Organe reichen nicht hin, das Leben zu erklären. Denn wir könnten uns gar wohl eine Zusammensetzung von Fibern, Nerven, u. s. w. Denken, in welcher (wie z. B. in Nerven eines destruirten organischen Körpers durch Elektrizität, Metallreiz, u. s. w.) durch Reize von außen freye Bewegungen hervorgebracht würden, ohne daß wir doch diesem zusammengesetzten Ding Leben zuschreiben könnten. Man erwiedert vielleicht, daß doch die Zusammenstimmung aller/dieser Bewegungen Leben bewirke; allein dazu gehört ein höhers Princip, das wir nicht mehr aus der Materie selbst erklären können, eine Princip, das alle einzelmen Bewegungen ordnet, zusammenfaßt und so erst aus einer Mannichfaltigkeit von Bewegungen, die ünter einander übereinstimmen, sich wechselseitig produciren und reproduciren, ein ganzes schafft und hervorbringt. Also begegnen wir hier abermals jener absoluten Vereinigung von Natur und Freyheit in Einem und demselben wesen, die belebte Organization soll Produkt der Natur seyn; aber in diesem Naturprodukt soll herrschen ein ordnender, zusammenfassender Geist; diese beyden Principien sollen in ihm gar nicht getrennt, sondern innigst vereinigt seyn; in der Anschauung sollen sich beyde gar nicht unterscheiden lassen; zwischenbeyden soll kein Vor und kein Nach sondern absolute Gleichzeitigkeit und Wechselwirkung statt finden.

para essa obra, de modo que ela realmente possui uma natureza polissêmica”. No entanto, essa explicação – por si somente – não basta, e quando se insiste em tal único argumento – tal não passaria de uma tautologia de caráter nominalista, retirando da obra seu caráter emanador e atribuindo à mente humana – somente – a capacidade de projetar novas relações polissêmicas¹⁶. Não há como explicar a polissemia da arte pela sua própria polissemia. Deve-se encontrar um outro caminho.

Em um livro sobre arte, Carl Hausman¹⁷ desenvolve a teoria do interacionismo visto na estrutura de uma metáfora – um dos tipos de signos que Peirce trabalha em sua semiótica e que também já havia sido evidenciado por Aristóteles –, assim como a forma com que novos significados são revelados por essas interações no plano sintático. Interessante notar que Hausman volta-se à noção de objeto, dando voz às idéias que podem ser representadas tão logo determinada interação sintática seja desenvolvida. Observa-se que as manifestações artísticas têm realmente um aspecto de provocar, na mente dos espectadores, uma grande gama de possíveis sentidos. Inúmeros trabalhos versaram sobre esse efeito estético criado por um tipo de signo ou sistemas de signos que operam sobrepondo o eixo do sintagma sobre o eixo do paradigma, obtendo como resultado um deslocamento semântico para além da convenção, observando-se aí um certo caráter indecível e ambíguo – tal como é a formulação da Função Poética de Linguagem de Roman Jakobson. Cria-se, portanto, um certo efeito de mimese criadora: este conceito está aqui formulado para designar não a noção comumente aceita de que há algum aspecto de pura imitação – mas sim a concepção de recriar, por meio das sintaxes disponíveis das diversas linguagens, portanto recriar através da operação de certos sistemas de signos certos efeitos estéticos. Algo há na combinação de determinados elementos sintáticos de modo a promover novas e cada vez distintas – e ainda originais – articulações mentais. A cada efeito efetivado com tais características, o potencial de significação permite-nos modificar – sempre num vetor do mais vago ao mais definido e complexo – os hábitos de pensamento¹⁸ –, o que já anuncia, inicialmente, novamente a máxima do pragmatismo: “considerem-se quais efeitos, que poderiam [de modo normativo] concebivelmente ter conseqüências práticas, nós concebemos que o objeto de nossa concepção tenha. Então, nossa concepção destes efeitos é a totalidade de nossa concepção do objeto¹⁹”.

Mas mesmo assim, a competência sugestiva de um sistema de signos que perfaz uma determinada obra ainda não é suficiente para explicar um certo aspecto de irradiação que aparece nesse fenômeno capaz de suscitar novas associações e permanecer com essa força através dos tempos. Temos de nos voltar à concepção do objeto da arte – como nos sugere a obra de Carl Hausman –, matéria de estudo mesmo da estética, agora considerada como uma ciência dos ideais. E portanto, automaticamente nos deparamos com a conjunção das concepções de objeto possível, sempre ideal, que, dependendo de certas condições de se fazer percebido de modo eidético, tende a provocar efeitos físicos, quase sempre consonantes com a inovação proposta por uma nova sintaxe captada pela mente como uma nova e original conexão de idéias resultando em uma nova proto-sintaxe da qual decorrerá toda uma nova

¹⁶ Em trabalho anterior desenvolvemos concepção semelhante contrapondo a visão do Juízo de Gosto de Kant com uma noção de núcleo irradiador proveniente da própria obra de arte – o que é consonante com a idéia de ciência a partir de um idealismo-objetivo de Schelling e de Peirce. Para tanto, consultar Tiago COSTA E SILVA. “*Moving Pictures of Thought: O poder projetivo-imagético e a sua externalização com base em novas tecnologias*”. *Arte e Tecnologia: intersecções entre arte e pesquisas tecno-científicas*. Brasília, Editora da UnB, ISBN 978-85-89698-13-9, 2007, pp. 318-323. Vale observar que outros conceitos presentes neste artigo são aqui retomados como forma de argumentação em função da estética.

¹⁷ Carl R. HAUSMAN. *Metaphor and Art*. New York, Cambridge University Press, 1989, 238p.

¹⁸ Consultar a obra de Lucia SANTAELLA. *Estética de Platão a Peirce*. São Paulo, Experimento, 1994.

¹⁹ CP 5.402, 1878. Tradução do pesquisador

série de percepções mentais em função da identificação de tal nova e original idéia – que tenderá a se definir numa mente preparada para tal; aquela é oriunda das conexões onde “encontramos um tipo de ocorrência, aquela do crescimento, ela mesma consistindo nas homogeneidades de partes pequenas. (...) e um traço universal disso é a preparação para estágios tardios em estágios mais precoces²⁰”.

O resultado disso é um efeito físico que tende a ser inovador também, pois carrega consigo essa nova associação contínua no plano das idéias²¹. Dito de outro modo, a consequência notável de tal surgimento – que é o da tendência ao espraiamento das idéias e também da tendência à aquisição de hábitos – é a verificação de que o substrato desse processo é de natureza eidética²².

O estudo da ontologia da Arte, isto é, do ser da Arte, nos conduz à idéia de interioridade, que é a natureza mesma dos continua de idéias, ainda não percebidas ou não atualizadas. Diz-nos Peirce que a experiência estética mais genuína implica em transformar as exterioridades distintas no plano do diverso numa unidade interior, fundindo-se as consciências numa única quale-consciência, apartando noção de alteridade, fronteiras e tempo. Essa é a natureza da arte. Sua ontologia passa pela consideração da continuidade das idéias, onde elas possam se amalgamar e se afetar numa relação de afeição. Tais idéias devem aparecer para uma mente, tão logo essa mente esteja apta a interpretá-la.

A lei da mente é a lei de crescimento, portanto possui um alvo, um telos. Idéias, de acordo com Peirce, tendem a se disseminar continuamente e afetar outras, influenciando-se reciprocamente, de onde se pode dizer que determinarão atos futuros. Quando se disseminam e se afetam, as idéias ganham generalidade e se aglutinam a outras idéias. Afirma André De Tienne que, com tal formulação, Peirce evidenciou um aspecto central em sua máxima pragmática, isto é, evidenciou como concepções podem causar efeitos. A noção principal é a de que as idéias concebidas podem causar efeitos porque se aglutinam e se associam a outras; quando o fazem, transformam-se, ou seja, criam novas sintaxes onde antes estas não existiam; essas transformações, ou afecções, finaliza De Tienne, são explicáveis através de um adequado entendimento matemático, lógico e metafísico das noções de continuidade e de generalidade²³.

3– Noção de Ciência que nasce do próprio Objeto

No texto *A Neglected Argument for the Reality of God* [Um Argumento Negligenciado para a Realidade de Deus]²⁴, Peirce coloca que, tão logo uma mente esteja pronta para interpretar determinada idéia, essa idéia aninha-se nessa mente, aparece perceptivamente e tende, assim, a se definir cada vez mais, na perspectiva de ser corporificada – ou como já mencionado, tende a causar efeitos. Numa dada percepção, para uma mente preparada, há a possibilidade de uma nova sintaxe se relacionar com outras idéias presentes em determinada mente, e assim, numa seqüência associativa não controlada, deve ocorrer um certo tipo de

²⁰ EP2: 434. Grifos do pesquisador.

²¹ Ivo Assad IBRI. *Kósmos Noetós. A arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo, Perspectiva, 1992.

²² Op. cit. 55. Nas palavras de Ibri, “utilizamos o termo eidético no sentido platônico de eidos, que designa a estrutura do Real e sua inteligibilidade”.

²³ André DE TIENNE. “The ‘Flowing Stream’ that carries Pragmatism: James, Peirce, Royce”. *Cognitio - Revista de Filosofia*. Centro de Estudos do Pragmatismo. Programa de Estudos pós-graduados em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP – volume 8, n. 1 (jan.-jun. 2007), São Paulo, EDUC, 2007, pp 45-68.

²⁴ Ver EP2: 434-450.

afeição²⁵ entre idéias, surgindo, daquele processo perceptivo-abduutivo indiferenciado, um conjunto de relações possíveis do qual, então, aparece um novo programa - tomando-se essa palavra como um protodiagrama -, uma nova gramática enfim, tende a definir-se cada vez mais, e, tão logo tome forma mais consistente, é possível ser representado, analisado pela lógica dos relativos, e traduzido em outras formas nas mais diversas linguagens possíveis. Segundo Peirce, todo percepto possui generalidades, e, além disso, o processo de percepção confunde-se, ou melhor, funde-se à abdução [*shades into*], de modo que não é possível diferenciá-los inicialmente²⁶. Quando chega o momento da aparição dessa nova idéia em determinada mente, tal idéia já pode ser interpretada, ainda que possua partes ainda não definidas, mas potenciais.

Peirce demonstrou que os signos têm a capacidade de comunicar formas, conforme intenções condicionais. Essas considerações nos conduzem ao pragmatismo, uma vez que seu método, a partir do prisma da epistemologia, é o de identificar qual finalidade está em ação dentro de qualquer pensamento ou interioridade, e a estudar o que procura concretizar e a que fim se destina a subservir²⁷. Dessa maneira, há uma gradação com a qual a idéia se manifesta, do mais continuum, geral e vago, para um estado mais definido, singular. Um ícone puro está se delineando, como potência em devir, na iminência de sua insurgência em uma mente, como uma corporificação nesta de uma idéia; quando aparece mais nitidamente, a idéia assume a forma de um signo icônico, e, com as propriedades relacionais de imagens, digramas, relações subseqüentes, conseqüências práticas de relações especulativas, a idéia vai se delimitando, até que seja possível, por exemplo, dizê-la em palavras, ainda que, em tal tradução, a singularidade da idéia permaneça não representada pela linguagem conceitual. É justamente a arte que é capaz de dar corpo a essas idéias, valorizando, na sua articulação, a relação entre continuum e discreto, ou se preferirmos, nos termos de Schelling, a relação inesgotável da figuração do infinito no finito.

O engendramento do admirável vem a ser, então, o ponto central na noção mesma da gênese de uma sintaxe nova, de modo que, como ciência, seu objeto é justamente esse primeiro vetor de natureza icônica que atrai para si a afecção de uma futura conduta em função de uma ação ideal que tende a produzir efeitos físicos, e ainda, tende a produzir novas reflexões tão logo seja percebido. Aparece então a idéia mesma de semiose atrelada – como não poderia deixar de ser – à noção de continuum e à concepção de pragmatismo na sua mais forte acepção. De certa forma, Peirce contribui com uma versão muito mais autônoma de *Spieltrieb* – cujo conceito está formulado inicialmente em Schiller²⁸, - exatamente num

²⁵ Em Ibri, 1994, assim como em Ibri, 2005, encontramos duas concepções que se originam da tradução do termo em inglês *to affect*, como possuidor de duas significações possíveis: a primeira é “afetar”, num sentido de relação entre dois ou mais elementos, portanto, mantendo a marca de relação mais característica de secundidade; já o segundo sentido é o de “afeiçoar”, e esse é significado como um tipo específico de associação por similaridade entre idéias, cujo princípio é subjacente ao evolucionismo de Peirce, ou mais precisamente, relacionado ao princípio evolutivo do Agapismo.

²⁶ Sétima conferência de Harvard, intitulada “Pragmatism and Abduction”, que foi proferida em 1903; logo no início, Peirce apresenta uma síntese das três proposições que ele denominou *cotárias*, de onde *cos*, *cotis*, é traduzido por “pedra de amolar” [*whetstone*], noção esta que foi desenvolvida na conferência anterior “The Nature of Meaning”. Ver CP volume V; EP2.

²⁷ André DE TIENNE. “The ‘Flowing Stream’ that carries Pragmatism: James, Peirce, Royce”. *Cognitio - Revista de Filosofia*. Centro de Estudos do Pragmatismo. Programa de Estudos pós-graduados em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP – volume 8, n. 1 (jan.-jun. 2007), São Paulo, EDUC, 2007, pp 45-68.

²⁸ Veja-se a carta XXV, por exemplo, da obra *Über die ästhetische Erziehung des Menschen* [Sobre a educação estética do homem], coligida no volume quinto da coleção *Schiller Sämtliche Werke*. Em português: Friedrich SCHILLER. *A Educação Estética do Homem numa Série de Cartas*. Tradução: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. Introdução e notas por Márcio Suzuki. São Paulo, Iluminuras, 1990, pp 125-128.

formato de onde, a partir de um universo de possibilidades – um continuum muito geral de possibilidades – surgem sucessivas definições mais contingentes até o ponto de uma certa possibilidade se destacar e adentrar o teatro de reações do universo da existência. Ora, se de um lado temos o continuum de possibilidades anunciando uma certa possibilidade para que algo seja existente, e de certa forma algo que carrega consigo uma marca de origem – da sua origem primordial –, naturalmente essa possibilidade que se efetiva como existente passa a se conectar com outros existentes. E de certa forma, passamos de um momento sem nenhum tipo de relação de mediação – apenas forças brutas - para um momento posterior de existência tramando conexões evolutivas, cujo vetor que lhes deu origem, traça-lhes agora o princípio condutor que leva ao seu espraiamento. Pode-se dizer que, mesmo que leis físicas sejam formadas pelo hábito arraigado – como é o exemplo da pedra que Peirce nos fornece em algumas ocasiões – novas realidades inéditas podem se originar no universo organizado e inteligível²⁹: a lei do crescimento, ou melhor, a lei da mente, é uma lei de amálgamas, criando, fundindo e originando cada vez mais novidades, complexificando a realidade, e ainda assim, espraiando a multiplicidade coalhada com aquele elemento de frescor que, num olhar descompromissado, pode dar origem àquela experiência estética tal como detalhada no início, aquela experiência onde a fusão de consciências já anunciava – com aquela forma de encantamento que tanto houvera motivado os gregos quando olhavam para o seu mundo - o idealismo-objetivo, iniciando assim toda uma nova cadeia de conhecimentos a partir da experiência estética, convidando aquele que vê a inquirir mais aprofundadamente sobre tal efeito e sobre como ele deve ser em si mesmo para que apareça com tal força atrativa e admirável.

Em relação ao recorte teórico e epistemológico que nos propusemos a desenvolver neste artigo, podemos agora tecer a dimensão desta ciência de normativa – estética – acolhendo-a relacionando-a com a estrutura arquitetônica das filosofias de Schelling e Peirce, como sugestão de uma consideração dessa ciência numa matriz de idealismo-objetivo. A estética é, de acordo com Peirce, a teoria da formação de hábitos deliberados de sentimento, que cresceu sob o curso da autocrítica e heterocrítica; este hábito é um ideal que pertence a uma linha de conduta deliberada³⁰. Em resumo, a estética é a ciência que estuda o que é o ideal maior que deve guiar nossa conduta, o fim último – no sentido de ubiqüidade de Peirce –, isto é, o *telos*, que aponta para um ideal vago, mas completamente atraente e evolutivo que também é conhecido como admirável. Este fim último é o que Peirce chama de crescimento da razoabilidade concreta. Estética, na estrutura arquitetônica dessa filosofia, possui dois aspectos: o primeiro abrange dois níveis. O primeiro nível desta primeira parte refere-se à teoria da formação deliberada de hábitos de sentimento, diretamente ligada ao ideal da razoabilidade concreta³¹; o segundo aspecto deste primeiro nível é caracterizado como uma determinação especial desta primeira parte, portanto, menos abstrato que o anterior. O principal objetivo desta última parte da primeira subdivisão é estudar os fenômenos na sua primeiridade, *firstness*, isso é, tudo que permite provocar ou promover o ideal estético como transformar, desenvolver, e transformar outra vez, hábitos de sentimento³². É neste nível que a recepção e a produção de objetos estéticos – que podem promover o autocontrole a partir da

²⁹ *Universo inteligível* é um termo que Platão utiliza no seu diálogo mais marcadamente cosmológico, *Timeu*. Em grego, *kósmos noetós*. Esse é também o título do livro de Ivo Ibrí, sobre a arquitetura metafísica de Peirce.

³⁰ Consultar Lucia SANTAELLA. *Estética de Platão a Peirce*. São Paulo, Experimento, 1994: 190-191. No original dos Collected Papers: CP 1,574, 1906.

³¹ Op. cit. 190-191.

³² Op. cit. 190-191. Ver também: Beverley KENT. “Peirce’s Aesthetics: a new look”. *Transactions of Charles Sanders Peirce Society*, 12, 263-283, 1976. Veja-se também: Beverley KENT. *Charles Sanders Peirce-Logic and the classification of the sciences*. Kingston and Montreal: McGill-Queen’s University Press, 1987, 258p.

criação de novos hábitos de sentimento – são estudados³³. As formas de arte são formas com algum tipo de privilégio estético porque sua finalidade é sugerir a regeneração da sensibilidade interpretativa por meio de um intercâmbio e integração entre razoabilidade, esforço e sentimento³⁴. Embora o segundo aspecto da estética de Peirce não tenha sido completamente formulado por ele, com a ajuda de semiótica – a lógica no sistema de Peirce –, pode-se compreender quais tipos de interconexão através das relações estéticas resultam dessa ciência como uma ciência normativa na filosofia do Peirce, como um fluir vetorizado pelo princípio condutor, de um percepto mais vago até uma definição deste, de forma cada vez mais precisa e complexa. A estética como ciência normativa espera ser ainda desenvolvida de uma maneira mais aprofundada e sistemática. No entanto, mesmo com este tipo de necessidade de construções futuras – que foi apontada pelos trabalhos de Beverley Kent³⁵ e Lucia Santaella³⁶ – a estética de Peirce, como estamos estudando e desenvolvendo em função da hipótese principal deste artigo, pode ser determinada como uma parte científica de uma tal ciência dos Ideais em gênese numa arquitetura filosófica, embora ainda de uma maneira mais vaga, de modo a poder-se determinar, então, a estética como – também – uma teoria funcional que define a essência da arte dentro da dimensão pragmática da semiose.³⁷

Em conclusão, as sistematizações possíveis em sistemas marcadamente idealistas e realistas – como é o caso do idealismo-objetivo de Peirce e Schelling, guardam entre si marcas semelhantes ainda que formulados com conceitos e com preocupações distintas. Esse “impulso”, como advindo de uma das ciência dos ideais – e nesse caso, também como gênese de futuras idéias –, deve manter uma certa imagem com o objeto que tal ciência estuda. Portanto, chega-se ao ponto requerido para tal investigação: o engendramento do admirável – termo designado por Peirce – na estética como estudo do processo de impulso evolutivo – de certa forma bastante influenciado pela busca de Schiller nas cartas, e, em especial, naquelas que mencionam o impulso criador lúdico, ou de jogo – Spieltrieb –, característico do idealismo-objetivo como um princípio condutor natural que fornece a noção mesma de continuidade para tal concepção pragmática de evolução.

Referências Bibliográficas:

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. *Estética: A Lógica da Arte e do Poema*. Tradução: Miriam Sutter Medeiros. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

COSTA E SILVA, Tiago. “Moving Pictures of Thought: O poder projetivo-imagético e a sua externalização com base em novas tecnologias”. *Arte e Tecnologia: intersecções entre arte e pesquisas tecno-científicas*. Brasília: Editora da UnB, ISBN 978-85-89698-13-9, 2007, pp. 318-323.

DE TIENNE, André. “The Flowing Stream that carries Pragmatism: James, Peirce, Royce”. *Cognitio - Revista de Filosofia*. Centro de Estudos do Pragmatismo. Programa de Estudos pós-graduados em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP – volume 8, n. 1 (jan.-jun. 2007), São Paulo: EDUC, 2007, pp 45-68.

³³ Idem à nota 32.

³⁴ Idem à nota 32.

³⁵ Consultar: Beverley KENT. “Peirce’s Aesthetics: a new look”. *Transactions of Charles Sanders Peirce Society*, 12, 263-283, 1976.

³⁶ Consultar: Lucia SANTAELLA. *Estética de Platão a Peirce*. São Paulo, Experimento, 1994.

³⁷ Op. cit. 190-191.

- EINSTEIN, Albert. *A Teoria da Relatividade Especial e Geral*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- HAUSMAN, Carl R. *Charles Peirce's Evolutionary Philosophy*. New York: Cambridge University Press, 1993.
- *Metaphor and Art*. Interactionism in Verbal and in Nonverbal Arts. New York: Cambridge University Press, 1989.
- IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noetós*. A arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- *Kósmos Poiétikos*: Criação e Descoberta na Filosofia de Charles S. Peirce. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, Departamento de Filosofia. Orientador: Professor Doutor Franklin Leopoldo e Silva, São Paulo, 1994.
- JIMENEZ, Marc. *O que é Estética?* Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo – RS: Editora da Unisinos, 1999.
- KENT, Beverley. "Peirce's Aesthetics: a new look". *Transactions of Charles Sanders Peirce Society*, 12, 263-283, 1976.
- *Charles Sanders Peirce-Logic and the classification of the sciences*. Kingston and Montreal: McGill-Queen's University Press, 1987, 258p.
- PEIRCE, Charles Sanders. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Volumes 1-6, Charles Hartshorne and Paul Weiss, eds., Cambridge MA., 1931-1935; Vols. 7-8, Arthur W. Burks ed., Cambridge, MA, 1958, Harvard University Press. (1931-1958); Available on CD ROM, John Deely, ed., Charlottesville, 1994.
- *The Essential Peirce*: Selected Philosophical Writings. 2 vols. (Vol. 1, Nathan Houser and Christian Kloesel, eds.; Vol. 2, edited by the Peirce Edition Project), Bloomington, Indiana University Press, 1992-1998.
- *Reasoning and Logic of Things*: the Cambridge Conferences Lectures of 1898. Kenneth Laine Ketner (ed.). Cambridge – Massachusetts: Harvard University Press, 1992.
- PERNIOLA, Mário. *Estética do século XX*. Tradução de Teresa Antunes Cardoso. Lisboa, Editorial Estampa, 1998.
- REY PUENTE, Fernando e Vieira, Leonardo Alves (Orgs.). *As Filosofias de Schelling*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- SANTAELLA, Lucia. *Estética de Platão a Peirce*. São Paulo, Experimento, 1994.
- SHELLING, Friedrich Wilhelm J. *Bruno oder über das göttliche und natürliche Prinzip der Dinge*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2005.
- *Filosofia da Arte*. Tradução, introdução e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, Clássicos; 23.
- *Idéias para uma Filosofia da Natureza*. Tradução, Prefácio, notas e apêndice de Carlos Morujão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.
- SCHILLER, Friedrich. *A Educação Estética do Homem numa Série de Cartas*. Tradução: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. Introdução e notas por Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- *Sämtliche Werke in 5 Bänden*. München: Winkler Verlag, 1975.
- SEBOK, Thomas Albert. *The Play of Musement*. Bloomington: Indiana University Press, 1981.
- VIEIRA, Jorge Albuquerque. *Teorias do Conhecimento e Arte - Formas de Conhecimento: Arte e Ciência, uma Visão a partir da Complexidade*. Fortaleza: Expressão – Gráfica e Editora, 2006.